

B"H
PARASHAT KI TISSÁ

Este estudo é dedicado à elevação da alma de Esther Alpern a"h

Favor não transportar este impresso no Shabat; após o Shabat, estará à sua disposição

Hashem ordenou a Moshê que contasse Benê Yisrael

A *mitsvá* de contá-los foi, na verdade, dada a Moshê mais tarde, após o pecado do bezerro de ouro. No entanto, é registrada na *Torá* antes da narrativa do pecado. Muitos judeus morreram na praga que seguiu o pecado do bezerro de ouro e *Hashem* queria determinar o número de sobreviventes.

Um fazendeiro apreciava muito o seu bem cuidado e maravilhoso rebanho. Porém, um dia, uma peste atingiu as ovelhas e muitas pereceram. Depois da devastação ter-se aplacado, o proprietário ordenou aos seus pastores: "Contem minhas ovelhas para ver quantas sobreviveram!"

Apesar de *Hashem* certamente saber o número de sobreviventes e portanto não precisar de um censo, Ele estabeleceu a *mitsvá* para o benefício de *Benê Yisrael*.

Após o pecado do bezerro de ouro, os povos zombaram: "Vejam esta nação que, quarenta dias depois de terem pronunciado 'naassê venishmá / faremos e ouviremos' no monte Sinai, fabricaram um bezerro de ouro! Seu pecado é imperdoável; *Hashem* nunca mais os aceitará como Seu povo!"

Para refutar esta afirmação, *Hashem* ordenou: "Seú et rosh Benê Yisrael / Contem as cabeças do povo de *Yisrael*!" *Hashem* empregou a palavra "seú", que significa também "Levante a cabeça!" Ele explicou a Moshê que com a contribuição de uma moeda para o tesouro do *Mishcan* (através das quais eles seriam contados), *Benê Yisrael* resgatariam suas vidas, que foram perdidas no pecado do bezerro de ouro. Assim, o procedimento de contagem mediante moedas doadas "levantaria suas cabeças" – isto é, concederia a eles o perdão pelo pecado do bezerro.

Quando Moshê ouviu as ordens de *Hashem* ficou apreensivo, achando que cada judeu teria de contribuir com uma moeda muito valiosa.

"Não é como você pensa, Moshê", *Hashem* assegurou. "Vocês não terão de Me pagar com moedas que valem cem, cinqüenta, nem mesmo trinta pedaços de prata. Tudo o que peço de cada judeu é que doe uma pequena moeda que valha meio-*shekel*!"

Hashem produziu uma moeda de meio-*shekel*, demonstrando a Moshê seu tamanho e sua forma, instruindo-o: "Este é o tipo de moeda que eles devem dar!"

As moedas de meio-*shekel* deste censo foram fundidas e moldadas como encaixes, que foram usados para apoiar as vigas do *Mishcan*.

A doação de meio-*shekel* de cada judeu não foi uma *mitsvá* instituída somente para aquela vez, em conseqüência do pecado, mas sim estabelecida como doação anual permanente. Destas coletas eram comprados os animais para as oferendas da comunidade; assim todo o povo podia ter uma parte nelas.

Quando o *Bet Hamicdash* existia, era realizada uma proclamação a cada ano a primeiro de *Adar* em todas as cidades de *Êrets Yisrael*, lembrando a todos para prepararem um meio-*shekel* para o *Bet Hamicdash*. A coleta em si ocorria entre *Rosh Chôdesh Adar* e *Rosh Chôdesh Nissan*.

Por que o mês de *Adar* foi escolhido como época de coleta dos *shecalim* do povo de Israel?

Hashem previu que o malvado Haman daria para o rei Achashverosh dez mil *kikar* de prata em troca da permissão para exterminar os judeus em *Adar*. Disse D'us: "Que as doações dos meus filhos precedam-no, para que sejam salvos das mãos dele."

Os *shecalim* atendiam a dois propósitos: como renda para o *Mishcan* e o *Bet Hamicdash*, e como meio de fazer o censo, pois *Hashem* proibiu contar os judeus diretamente, dizendo a Moshê: "Não conte *Benê Yisrael* diretamente, pois a bênção Divina não paira sobre algo que foi contado ou medido."

Quando os reis judeus faziam o censo da população, cuidavam para não transgredir a proibição de contar pessoas diretamente. O Rei Shaul, no começo de seu reinado, quando eram pobres, contou o povo usando pedrinhas. Mais tarde, quando o reino ficou rico, foram substituídas por uma ovelha para cada judeu.

A ordem de fazer um lavatório, o kiyor

Hashem ordenou que uma grande pia de cobre com bicos fosse construída e posta no pátio do *Mishcan*, entre o *Ohel Moed* e o altar exterior. Este lavatório era cheio com água a cada manhã para que os *cohanim* pudessem abluir as mãos e os pés antes de iniciar o serviço Divino. Por que *Hashem* ordenou aos *cohanim* que lavassem mãos e pés antes de iniciar seu trabalho no Santuário?

Poderíamos responder que *Hashem* queria assegurar que suas mãos e pés estivessem limpos. Esta explicação é verdadeira, mas também existe uma razão mais profunda para esta ordem.

Ao verter água de uma vasilha sagrada sobre as mãos e pés antes do serviço Divino, tais partes do corpo se santificavam. Não era necessário santificar também o resto do corpo? O corpo dos *cohanim* já se tornava sagrado quando era vestido com as roupas sacerdotais. A água, então, era utilizada para santificar mãos e pés que ficavam descobertos.

Nossos Sábios estabeleceram uma lei pela qual antes de comer pão, todo judeu deve verter água sobre as mãos – *netilat yadáyim*.

A ordem de preparar o óleo para unção, *shemen hamishchá* e o incenso, *ketôret*

O óleo para unção foi preparado por Moshê da seguinte maneira: *Hashem* ditou para ele a lista de especiarias, especificando peso e volume. Cada especiaria foi moída separadamente. Então, as especiarias foram misturadas e socadas em água para que o seu aroma fosse absorvido pela água. Óleo de oliva era adicionado à água e a mistura era fervida até que a água evaporasse e somente sobrasse óleo perfumado. Aquele óleo para unção foi preservado num frasco para ser usado na unção do Sumo Sacerdote e reis da dinastia de David. Na consagração do *Mishcan*, todos os utensílios também foram ungidos com este óleo.

Apesar de Moshê ter preparado somente a quantidade de pouco mais de quatro litros, esta quantidade milagrosamente foi o suficiente para todas as próximas gerações. Este mesmo óleo ainda foi usado na época do segundo *Bet Hamicdash*. O frasco contendo o óleo foi ocultado na época da destruição do Templo. Ele nos será devolvido na Era de Mashiach.

Moshê preparou o incenso, misturando onze especiarias apontadas por *Hashem*. Somente uma delas emitia um odor repulsivo. *Hashem* queria ensinar a *Benê Yisrael* que deveriam incluir indivíduos transgressores em momentos de jejum e orações comunitárias.

As especiarias eram moídas e misturadas, e um punhado era queimado diariamente no Altar. Era proibido misturar especiarias nas mesmas proporções do incenso, se a mistura fosse destinada para uso particular.

Betsal'el é designado construtor do *Mishcan* e Aholiav, seu assistente

Quando Moshê foi informado da futura construção do *Mishcan*, durante sua estadia no Céu, este tinha a impressão de que teria que construí-lo com suas próprias mãos. Quando estava prestes a deixar o campo Celestial, *Hashem* revelou-lhe: "Apesar de ter lhe apresentado o diagrama do *Mishcan* e a estrutura de todos os seus componentes, não és o artesão que o construirá. Teu papel é ser um líder e não um artífice!"

"Quem será o construtor do *Mishcan*?" perguntou Moshê.

"Betsal'el filho de Uri, filho de Chur, foi designado para esta tarefa", informou D'us.

Betsal'el era filho de Chur, assassinado no incidente envolvendo o pecado do bezerro de ouro. A construção do *Mishcan* pelo filho de Chur serviu como perdão pelo linchamento de Chur. Betsal'el era bisneto de Miriam, irmã de Moshê. Ela foi recompensada com um descendente sábio e entendedor, que sabia como construir o *Mishcan*, pelo mérito do temor a D'us que a fez prontificar-se a desobedecer a ordem do Faraó de assassinar os judeus recém-nascidos quando trabalhava como parteira no Egito.

Naquele tempo, Betsal'el tinha somente treze anos. Por isso, Moshê perguntava-se como alguém tão jovem poderia receber a imensa tarefa de erigir um *Mishcan*.

De acordo com a regra de que é correto consultar a comunidade antes de lhe nomear um líder, *Hashem* perguntou a Moshê: "Betsal'el lhe parece digno para este encargo?"

"Se ele é digno aos Teus olhos", replicou Moshê, "certamente o é aos meus."

Quando, mais tarde, Moshê apresentou Betsal'el ao povo como o arquiteto do *Mishcan*, ele por sua vez perguntou ao povo: "Vocês concordam com o fato de Betsal'el ser o construtor?"

"Se ele é digno aos olhos de D'us e aos seus", replicaram *Benê Yisrael*, "certamente o é aos nossos." Betsal'el foi inspirado por *Hashem* com sabedoria Divina e compreensão para ser bem sucedido nesta missão.

Assim como foi mostrada a Moshê uma visão da estrutura detalhada de cada utensílio do *Mishcan*, também foi concedida a Betsal'el uma visão Celestial da forma e desenho de cada objeto.

Betsal'el era um fiel artífice, que se empenhou em seguir à risca as instruções Divinas. Por isso a *Torá* o recompensou, anexando seu nome a cada um dos objetos do *Mishcan* citados na *Parashá*.

Moshê ordenou a Betsal'el: "Primeiro construa a Arca, depois os utensílios, e finalmente a tenda do *Mishcan*."

"Meu mestre", objetou Betsal'el, "ao construir uma casa, não se constrói primeiro a estrutura externa para abrigar a mobília? Se eu construir a Arca primeiro, onde a colocarei, depois de ficar pronta? *Hashem* não lhe disse para primeiro construir o próprio *Mishcan*, e só depois a Arca e os outros acessórios?"

“Você tem razão”, admitiu Moshê. “Você pode ser denominado como aquele que está na sombra de *Hashem*, pois possui sabedoria para compreender o significado secreto de Suas palavras.”

Daí o nome “Betsal’el”, composto pelas palavras “*Betsel E-I* – aquele que estava na sombra do Altíssimo.” *Hashem* ordenou a Moshê para nomear Aholiav da tribo de Dan como assistente de Betsal’el. Aholiav não fazia nenhum trabalho independente, mas ajudava Betsal’el em cada fase da construção. *Hashem* juntou como artesãos Betsal’el, membro da tribo de Yehudá, e Aholiav, da tribo de Dan. Yehudá era o mais exaltado dos filhos de Yaacov e Dan era o menos importante. Juntando-os, *Hashem* quis dizer aos judeus que, aos Seus olhos, o grande e o pequeno são iguais.

Uma pessoa menos capaz que serve a *Hashem* com todo seu potencial é considerada no mesmo nível que uma pessoa privilegiada, pois *Hashem* julga um homem de acordo com as intenções do seu coração.

Hashem* adverte Moshê que os judeus não devem violar o *Shabat* para construir o *Mishcan

Hashem advertiu Moshê: “Os judeus poderiam pensar que a construção do *Mishcan* é uma *mitsvá* tão importante que devem continuar construindo no *Shabat*. Porém, isto está proibido. Adverte-os que qualquer trabalho necessário para construir o *Mishcan* não poderá ser feito no *Shabat*. Os judeus devem guardar a santidade do dia e abster-se de trabalhar, agora e para sempre. O *Shabat* é um sinal entre Eu e *Benê Yisrael* de que são Meu povo.”

A *mitsvá* do *Shabat* é tão importante que se todos os judeus guardassem dois *Shabatot* com todas as leis correspondentes, Mashiach viria de imediato!

Depois de quarenta dias no Céu, Moshê recebe duas tábuas, *luchot*, de safira

Depois de receber a *Torá*, Moshê ficou no Céu quarenta dias estudando a *Torá* diretamente de *Hashem*. Ao cabo dos quarenta dias, *Hashem* deu a Moshê duas tábuas de safira de tamanho e forma idênticas. Nelas, *Hashem* gravara os Dez Mandamentos. Por que *Benê Yisrael* receberam os Dez Mandamentos inscritos em *luchot*, em vez de um pergaminho Divino contendo toda a *Torá*?

Quando uma criança começa na escola, o professor apresenta o alfabeto escrevendo as letras no quadro negro. Somente mais tarde, quando o alfabeto já lhe for familiar, receberá livros para estudar.

Hashem introduziu os judeus à *Torá* primeiramente pondo-os a par dos Dez Mandamentos (que contêm os conceitos básicos da *Torá*), e somente mais tarde foi-lhes dado um pergaminho inteiro de *Torá*.

Em vez de inscrever todos os Dez Mandamentos em uma só tábua, *Hashem* escreveu-os em duas *luchot* separadas. A primeira tábua continha os mandamentos envolvendo o homem e seu Criador, e a segunda tábua lidava com os mandamentos ligados à relação do homem com o seu próximo.

As letras não eram gravadas superficialmente sobre as tábuas, mas sim, foram talhadas através de toda a espessura da pedra. Isso, para que fosse possível ler pelos dois lados. As letras hebraicas *Mem* e *Samech* formam um quadrado e um círculo completos, respectivamente. Como suas porções internas não tinham nenhuma sustentação, poderiam cair. No entanto, elas permaneciam em seu lugar milagrosamente.

Por que *Benê Yisrael* falharam no pecado do bezerro de ouro

A grandeza da geração do deserto não pode ser subestimada. *Hashem* a escolheu entre todas para receber a Sua *Torá*, sabendo que eram *tsadikim*. Eram fortes em espírito e controlavam sua má inclinação.

Se é assim, por que eles tropeçaram no pecado do bezerro de ouro? Por que *Hashem* não os protegeu do pecado, como Ele usualmente procede com *tsadikim*?

Hashem permitiu que o pecado do bezerro acontecesse para servir como sinal de esperança e encorajamento para *Benê Yisrael* no futuro. O incidente provaria que, não importa o quão distante uma comunidade se desvie do caminho da *Torá*, nunca estará longe demais para fazer *teshuvá*. Se, depois de um pecado tão grave como este, *Benê Yisrael* foram aceitos novamente por D'us, nenhuma comunidade poderá afirmar que caiu baixo demais para retornar a Ele.

É preciso também ter em mente que o grau de dificuldade de um teste é proporcional à grandeza da pessoa (ou da geração). Quanto mais espiritual, mais severa a provação: *Benê Yisrael* foram sujeitados a um grande teste. Era exigido deles que abandonassem o raciocínio humano e que se ativessem à palavra de *Hashem*. Eles foram testados para ver se colocariam fé absoluta nas palavras do profeta de *Hashem*, Moshê. Este prometeu que voltaria, portanto esperava-se que acreditassem, apesar das suas razões para presumir que Moshê não voltaria, tendo portanto uma justificativa aparente para procurar um substituto.

A subsequente condenação da geração por D'us era relativa às suas grandes capacidades. *Hashem* culpou toda a comunidade por não terem protestado. Na verdade, somente os convertidos egípcios (três mil pessoas, ou cinco por cento da população) serviram ativamente ao bezerro de ouro.

O pecado do Bezerra de Ouro, *chêt haêguel*

Antes de subir ao Céu para receber as tábuas, Moshê assegurou ao povo que "Eu retornarei dentro de quarenta dias, antes do meio-dia". Entrementes, ele apontou seu irmão Aharon e o filho de Miriam, Chur, para se encarregarem de *Benê Yisrael*.

Já era o décimo sexto dia de *Tamuz*, o último de quarenta dias, e o meio-dia já passara. Onde estava Moshê? De acordo com os cálculos do povo, os quarenta dias já haviam passado. Eles incluíram erroneamente na sua contagem o dia da partida de Moshê. Na verdade, porém, ele deveria regressar somente no dia seguinte. *Benê Yisrael*, um povo de seiscentos mil homens, sem contar mulheres, crianças e bebês, encontraram-se no enorme e terrível deserto, habitat de animais ferozes, cobras e escorpiões, sem o seu grande líder que servia de ligação entre eles e *Hashem*.

O *Satan* apareceu perante o povo, inquirindo: "Onde está Moshê?"

"Está no Céu", responderam *Benê Yisrael*.

"Mas o meio-dia já passou e ele ainda não regressou", desafiou-os *Satan*. Suas palavras foram ignoradas.

"Moshê faleceu!" zombou o *Satan*. O povo, porém, não deu atenção às suas palavras.

O *Satan* começou então a lhes mostrar visões terríveis, fazendo aparecer o caixão de Moshê. *Benê Yisrael* viram o corpo de Moshê suspenso entre o Céu e a Terra. A imagem era tão clara que eram capazes de apontar para ela com o dedo.

A explicação para aquela visão foi que Moshê, em resultado de sua estadia no Céu, foi transformado num ser espiritual. O *Satan* mostrou para o povo a vestimenta física da qual havia se despedido.

Então exclamaram: "Quem sabe se Moshê retornará? *Hashem* pode tê-lo feito permanecer no Céu para engajar-se em discussões de *Torá* com Ele, ou talvez os anjos o tenham matado!"

Os egípcios convertidos aproximaram-se de Aharon, Chur e dos setenta anciãos, reivindicando: "Como Moshê desapareceu nas alturas, a congregação inteira está destinada a morrer! Dê-nos um substituto!"

A maioria dos membros de *Benê Yisrael* não tencionava usar a imagem como ídolo. Supunham que a *Shechiná* (Divindade) pousaria na imagem, e que esta os ajudaria a aproximar-se de *Hashem*, assim como Moshê sempre se acercara deles. Porém, isto foi um erro. Nos Dez Mandamentos, *Hashem* ordenou: "Não se pode venerar imagens", nem sequer com o propósito de servir a *Hashem* (*leshem shamáyim*).

"Queremos um líder que nos garanta um status igual ao dos judeus de nascença!"

Chur, o filho de Miriam e sobrinho de Moshê e Aharon, ficou de pé e exclamou: "Será esta a sua gratidão por todos os milagres que *Hashem* realizou para vocês? Apenas por que Moshê não está aqui desejam fazer esta imagem? Moshê voltará! Mas mesmo que não volte, não é permitido fazer imagens! Não os deixarei fazê-la!"

"Deveriam ter o pescoço cortado por uma exigência como essa!" trovejou.

Chur explicou para o povo que era desnecessário procurar algo no qual a Presença Divina pairasse, pois *Benê Yisrael*, diferentemente de todas as outras nações, eram guiados por *Hashem* pessoalmente.

O povo se agitou com as palavras de Chur. Alguns começaram a lutar com ele, e finalmente o mataram.

Hashem disse: "Chur, deste a vida para santificar Meu nome (*kidush Hashem*). Mereces uma grande recompensa por isso! Teus filhos serão grandes homens e príncipes do povo judeu."

E assim aconteceu, pois, que o neto de Chur, Betsal'el, foi designado construtor do *Mishcan*, e entre seus descendentes estavam David e outros reis.

Os convertidos egípcios viraram-se para os anciãos, exigindo um novo líder, porém eles negaram. Finalmente falaram com Aharon: "Dê-nos um líder, pois nós não sabemos o que aconteceu com este homem, Moshê!"

Aharon se encontrava em posição difícil. Se dissesse: Não posso permitir, como Chur o fizera, alguns da turba poderiam matá-lo também. Aharon raciocinou: Se eles me assassinares também, não terão perdão pelo seu crime. O pecado de fabricar uma imagem é menor se comparado a um crime tão hediondo!

Se Aharon não ficasse à frente do povo, as coisas poderiam ficar piores. Portanto, Aharon decidiu: "Não me resta outro remédio: É melhor aceitar. Porém demorarei muito para fazer uma imagem. Espero que Moshê volte antes de terminar."

Hashem sabia que Aharon consentiu porque amava o povo de Israel e queria salvá-lo da destruição. Para ganhar tempo, Aharon ordenou: "Tragam-me os brincos de suas esposas e crianças." Ele presumiu que as mulheres relutariam em compartilhar suas jóias. Poderiam surgir discussões entre marido e mulher, e assim, tempo precioso seria ganho.

As mulheres, realmente, recusaram-se a compartilhar suas jóias, não por estarem ligadas a elas, mas porque não queriam doá-las para a formação de uma imagem.

Sua fidelidade a *Hashem* foi recompensada; as mulheres receberam o *Rosh Chôdesh* como um *Yom Tov* especial para si mesmas, para ser celebrado por elas através das gerações.

É costume as mulheres absterem-se de alguns trabalhos em *Rosh Chôdesh*, como lavar roupas e costurar. Fora as mulheres, toda a tribo de Levi absteve-se de contribuir com ouro para fazer o bezerro, e assim também fizeram os líderes das tribos e os *tsadikim* do povo de Israel.

Apesar da recusa das mulheres, o plano de Aharon falhou porque os homens estavam ávidos em contribuir com ouro. Eles arrancaram os brincos rapidamente e Aharon jogou o ouro no fogo para derretê-lo e mais tarde moldá-lo e esculpi-lo com uma ferramenta. Aharon usou o processo mais lento possível para a formação do metal, esculpindo-o com uma ferramenta em vez de colocá-lo num molde.

Agora os magos egípcios se puseram a trabalhar. Com sua magia, converteram a imagem em um bezerro. Logo um bezerro vivo emergiu do fogo, balindo e andando. Apontando para ele, os egípcios convertidos gritaram: "Estes são os seus deuses, *Yisrael*, que os tiraram do Egito!"

As reações de *Benê Yisrael* ao bezerro foram variadas. Alguns o consideraram um intermediário sobre o qual a presença Divina pairaria. Outros queriam servir ao próprio bezerro. Alguns o acolheram como uma chance de abandonar a estrita disciplina moral da *Torá* e usar esta imagem como pretexto para licenciosidade.

O povo quis construir um altar no qual oferendas seriam sacrificadas, e tinham a intenção de rezar para *Hashem* pedindo que um fogo Celestial descesse sobre ele. Aharon, porém, exigiu que a construção fosse deixada a seu cargo, dizendo: "Será uma honra maior para o altar se eu construí-lo sozinho!" Na verdade, ele pensava: "Se eles o construírem, cada um trará uma pedra e logo ficará pronto. Eu, porém, demorarei até o anoitecer, para que nenhum sacrifício seja oferecido até amanhã. Até lá, Moshê já terá voltado!"

Ele concordou em construir este altar pois preferia ser pessoalmente culpado a deixar que *Benê Yisrael* fossem punidos mais tarde.

Aharon declarou numa voz triste: "Amanhã haverá um festival para *Hashem*!" Ele frisou claramente que o festival era em honra a *Hashem*, e não ao bezerro.

Na manhã seguinte, os egípcios convertidos acordaram cedo. Beberam vinho, e em estado de embriaguez, serviram ao bezerro como se fosse um deus, oferecendo-lhe o maná que caíra naquele dia. Assim, eles contrariaram o Altíssimo usando a maior bondade que Ele lhes concedera.

(Isto não nos surpreende se considerarmos que nós, freqüentemente, agimos desta mesma maneira, empregando nosso cérebro e membros, ambos presentes Divinos, para desafiar a Sua vontade.)

Os egípcios convertidos induziram os primogênitos de *Benê Yisrael* a também sacrificar para o bezerro. Os primogênitos, por causa disso, perderam seu direito de realizar o serviço Divino. Este privilégio foi transferido para a tribo de Levi. A idolatria do bezerro levou à libertinagem e obscenidade.

Apesar de terem sido os egípcios convertidos que idolatraram o bezerro, todo o povo de Israel foi incluído no veredicto culposo de *Hashem*, já que fracassaram em protestar contra os pecadores. *Hashem* poderia ter destruído todo o povo de Israel nesta ocasião, se não fosse a memória de Avraham, Yitschac e Yaacov.

Ao mesmo tempo que o povo praticava idolatria, *Hashem*, nos Céus, estava ocupado gravando os Dez Mandamentos nas duas *luchot* de safira; um presente para o Seu povo, que garantiria a eles vida eterna.

A defesa de Moshê em nome do povo de *Yisrael*

Após o pecado do bezerro de ouro, *Hashem* dirigiu-se a Moshê, no Céu, com duras palavras: "Desce!" ordenou. "Não podes mais manter tua posição exaltada de líder! Eu te elevei em honra do Meu povo. Eles, no entanto, pecaram quarenta dias depois da Outorga da *Torá*. Desventurada é a noiva que se corrompe quando ainda debaixo da *chupá*!"

Esta reprovação abalou Moshê; seu rosto anuviou-se. Ele queria deixar os Céus, mas estava tão atordoado em sua preocupação pelo povo, que foi incapaz de achar a saída, andando às cegas.

Hashem censurou-o, dizendo: "Quando *Benê Yisrael* deixaram o Egito, quiseste que os egípcios convertidos viessem junto. Eu Me opus, mas és bom e imploraste para que os aceitasse, apesar de indignos. Agora estas pessoas fabricaram o bezerro de ouro e induziram *Benê Yisrael* ao pecado!"

"Eles fizeram um bezerro", disse Moshê, "mas certamente não se curvaram perante ele!"

"Eles se curvaram", disse *Hashem*.

"Então eles podem ter se curvado, sem ter oferecido nada", persistiu Moshê.

"Eles sacrificaram oferendas", disse-lhe *Hashem*.

"Neste caso, eles não o devem ter aceito como uma divindade", argumentou Moshê.

"Os egípcios convertidos disseram 'Estes são seus deuses, *Yisrael*!'" contradisse D'us.

Moshê ficou chocado com esta revelação. Frente a notícias tão arrasadoras, perdeu a fala. Foi o próprio D'us que indicou a Moshê como proceder, através de uma reprimenda: "Deixe-Me em paz, e Eu os destruirei!" Destas

palavras, "Deixe-me em paz" (apesar de Moshê ainda não ter pronunciado sequer uma palavra em prol do povo), Moshê compreendeu que deveria rogar pelo povo de *Yisrael*.

Hashem lhe disse: "Eles merecem destruição; cheguei à conclusão que são obstinados!"

Hashem ofereceu para fazer de Moshê um grande povo, no lugar do povo de Israel, que seria destruído. A razão para *Hashem* jogar ameaças contra o povo de Israel foi com o intuito de despertar Moshê a rezar mais sinceramente em prol deles. De fato, Moshê apresentou uma defesa de mestre para o povo de *Yisrael* e seus argumentos conseguiram nosso perdão e nossa proteção até os dias de hoje.

"Por favor, *Hashem*", rogou Moshê, "não fiques tão aborrecido com Teu povo! Se o destruíres, os egípcios afirmarão: 'Tínhamos razão! Sempre predissemos que *Hashem* não poderia manter vivo um povo num deserto solitário e temível, sem comida nem bebida. Desde o princípio, sabíamos que todos morreriam ali. Quando *Hashem* viu que não tinha condições de manter os judeus vivos e de guiá-los a *Êrets Yisrael*, matou-os todos no deserto!' Que terrível profanação do nome Divino (*chilul Hashem*) seria. Todas as nações acreditariam que Tu, *Hashem*, não és suficientemente poderoso para conduzir os judeus a *Êrets Yisrael* e por isso os eliminaste. Não permitas que as nações afirmem isso!"

"Ademais, mesmo que os judeus tenham pecado, não merecem viver pelo mérito de seus antepassados – Avraham, Yitschac e Yaacov? Tu, *Hashem*, prometeste aos antepassados que seus descendentes seriam tão numerosos como as estrelas!"

"Sei que os judeus transgrediram um dos Dez Mandamentos ao fazerem uma imagem, mas lembra-Te que puseste Avraham à prova dez vezes e ele passou por todas. Permites, pois, que o mérito de Avraham proteja os judeus agora. E se Tu pensas que os judeus merecem ser queimados por seus pecados, recorda que Avraham estava disposto a deixar-se queimar numa fogueira por amor a Ti. Salva, pois, os judeus de serem queimados pelo mérito de Avraham."

"Se pensas que o povo judeu merece ser morto pela espada, pensa no mérito de Yitschac. Ele permitiu que seu pai o amarrasse ao altar no Monte Moriyá e estava disposto a ser sacrificado com uma faca. Deixa, pois, que o mérito de Yitschac salve os judeus! E se desejas castigar o povo judeu fazendo-o perambular por terras estranhas, recorda o mérito de seu antepassado Yaacov, o *tsadic* que perambulou por vários países. Perdoa os judeus pelo mérito de Yaacov."

Moshê recusou a oferta de *Hashem* para ser o patriarca de uma nova nação, discutindo: "Mestre do Universo, se uma cadeira com três pernas balança, como pode uma cadeira de uma só perna permanecer de pé? Se os méritos dos seus três patriarcas, Avraham, Yitschac e Yaacov foram insuficientes para salvar *Benê Yisrael* da Tua ira, como posso eu, um só homem, esperar que os proteja? Se os meus descendentes pecarem no futuro, meu mérito certamente não será suficiente para salvá-los da morte! Mais ainda, não posso aceitar Tua proposta, pois terei vergonha de Avraham, Yitschac e Yaacov. Eles poderão pensar: 'Que líder de comunidade egoísta! Ele aproveita a situação para elevar-se em vez de implorar perdão para sua comunidade!' Desista de levar em frente Teu plano de extermínio!"

Com suas preces, Moshê salvou o povo da destruição, mas desceu dos Céus sem ainda ter obtido perdão. Somente mais tarde, depois da destruição do bezerro, punição dos pecadores e mais outros quarenta dias de orações passados por Moshê no Céu, é que *Hashem* perdoaria *Benê Yisrael*.

Moshê deixou o Céu em estado de terror, carregando em uma só mão as maravilhosas tábuas de safira que, apesar do seu tremendo peso, eram leves em sua mão, pois transportavam-se a si mesmas.

Moshê quebra as tábuas

Voltando ao pé da montanha, Moshê encontrou seu fiel discípulo Yehoshua ali acampado. Yehoshua lá esperara por ele durante quarenta dias. *Hashem* fez um milagre especial pelo *tsadic* Yehoshua e todas as manhãs caía maná do céu no lugar onde ele aguardava. Juntos, aproximaram-se do acampamento e ouviram os ruídos tumultuados das celebrações à volta do bezerro.

"Estes sons parecem o clamor de uma guerra", observou Yehoshua.

"Você está me desapontando, Yehoshua", respondeu Moshê. "Não é capaz de distinguir entre um som e outro? Este não é grito de vitória, nem de derrota. Nós estamos ouvindo hinos de exaltação a um ídolo!"

Ao entrar no acampamento, avistaram o bezerro de ouro e a celebração com danças que o acompanhavam. "Não posso outorgar-lhes as tábuas", pensou Moshê. "A *Torá* afirma que alguém que renega D'us (*apícores*) não pode tomar parte na *mitsvá* da oferenda de *Pêssach*. Todo o povo afastou-se agora de *Hashem*, e O renegaram. Certamente não merecem receber as tábuas, que contêm todas as *mitsvot*."

Ao olhar para as tábuas, Moshê notou que a escrita gravada nelas desaparecera. Percebeu que as letras – a alma e o conteúdo espiritual das *luchot* – estavam voando pelo ar. A santidade das letras não podia entrar no

acampamento. As tábuas nas mãos de Moshê eram meras pedras, pesadas, sem vida. Moshê levantou-as e, com sua força descomunal, espatifou-as de encontro ao chão.

Por que Moshê agiu desta maneira? Ele temia que o julgamento de *Benê Yisrael* fosse mais duro se eles possuísem as tábuas. Se não as tivessem, sua punição seria mais branda.

Pouco depois do casamento de um famoso estadista, começaram a circular rumores de que sua nova esposa não lhe era fiel. O casamenteiro imediatamente rasgou o contrato de casamento, pensando: "É melhor para ela que seja julgada como se ainda fosse solteira, do que como uma senhora casada!"

Similarmente, Moshê raciocinou que as tábuas, que estabeleciam o elo entre *Hashem* e o povo de Israel, os colocaria numa posição de mulher casada. *Hashem* condenaria sua falta de fidelidade muito mais se eles possuísem as tábuas, do que se nunca as tivessem recebido.

Por que Moshê não espatifou as tábuas assim que *Hashem* lhe contou, lá no Céu, que os judeus fizeram uma imagem? Ele esperou até testemunhar o crime, para ensinar que um juiz nunca deve basear o veredicto no relatório de uma só testemunha, seja esta tão fiel quanto possa ser.

Hashem parabenizou o ato de Moshê, exclamando: "*Yasher Côach!* Você fez bem em quebrar as *luchot!*"

A quebra das tábuas foi um substituto para a quebra do povo judeu.

Moshê pune os adoradores do bezerro

Quando Moshê observou o povo, percebeu que a Presença Divina os havia deixado. Todos os adoradores tinham a testa coberta por lepra.

No momento que Moshê entrou no acampamento, Aharon estava parado perto do bezerro com um martelo na mão, pronto para dar o retoque final na imagem, com mais algumas batidas. Sua intenção era dizer ao povo que o bezerro ainda não estava pronto, impedindo-os de adorá-lo naquela hora. No entanto, vendo seu irmão parado com a ferramenta, ajudando a construir a imagem, Moshê entendeu a situação erroneamente, e sua cólera brotou contra seu próprio irmão.

"O que este povo te fez", trovejou Moshê, "para que trouxesses este grande pecado sobre eles?"

Aharon se defendeu: "Por favor, que a ira do meu mestre não caia sobre mim. Sabes que os elementos mais baixos do povo têm testado D'us constantemente. Exigiram que eu lhes desse alguém que te substituísse, sem saber que ainda estavas vivo. Perguntei se alguém tinha ouro, e eles rapidamente me trouxeram todo o ouro que estava em sua posse e joguei-o no fogo – como eu iria saber que sairia este bezerro?"

Apesar de Aharon ter agido da maneira errada, Moshê compreendeu as nobres intenções do irmão.

Moshê misturou o pó do bezerro de ouro com água e o deu a beber a todos os judeus. Qual foi o sentido disso?

Em primeiro lugar, fez com que todo judeu que pensara que o bezerro era um deus compreendesse que estava enganado. O bezerro não era um deus, pois havia terminado no estômago de um homem!

Em segundo lugar, *Hashem* fez um milagre com a água. Todo judeu que havia servido ao bezerro de ouro deliberadamente mas que não podia ser castigado pelo *Bet Din*, pois não havia sido avisado, nem tinha testemunhas que o tivessem visto pecar, sentiu que o estômago se inflava como um balão. Continuou crescendo e crescendo até explodir e ele morrer.

Mas os judeus que não tinham pecado não foram afetados pela água. Aos inocentes, Moshê deu uma bênção para compensá-los pelo humilhante processo pelo qual tiveram que passar, prometendo: "Seus filhos com certeza entrarão em *Êrets Yisrael!*"

Moshê proclamou: "Aquele cujo coração for dedicado a *Hashem*, que venha até mim!" Moshê precisava de pessoas íntegras e capacitadas para formar um tribunal que executasse os pecadores. Somente a tribo de Levi respondeu ao chamado de Moshê. Todas as outras tribos tinham contribuído com jóias para o bezerro.

Moshê ordenou-lhes: "Desembainhem as espadas. Todo judeu que foi advertido por duas testemunhas a não adorar o bezerro de ouro e que foi visto mais tarde por duas testemunhas servindo ao bezerro, deve ser morto por vocês. Mesmo se o homem for seu parente ou amigo, devem matá-lo!"

Os levitas executaram três mil pessoas com espadas, todos eles egípcios convertidos.

O restante de *Benê Yisrael* podia facilmente ter impedido que os levitas matassem esses judeus, mas nem um só deles protestou. Pois *Benê Yisrael* eram verdadeiros *tsadikim* que obedeciam a Moshê. Sabiam que estes mereciam ser punidos desta forma pelo seu pecado, e aceitaram sem discussão.

Na manhã seguinte, Moshê informou o povo de que voltaria ao Céu para rogar a *Hashem* que os perdoasse. Moshê, em sua grande sabedoria, primeiro eliminou o bezerro de ouro, e somente depois pediu perdão a D'us.

Raciocinou que seria inadequado pedir perdão a *Hashem* enquanto o bezerro ainda existisse.

"Antes vou destruí-lo", pensou, "e depois pedirei perdão a D'us pelo pecado."

Para o povo ele disse: "Vocês agiram muito mal! Todos vocês são culpados por não ter protestado contra o bezerro! Deixem-me retornar a *Hashem*; quem sabe alcançarei o perdão pelo vosso pecado!"

Moshê salva o povo de Israel da destruição

A 19 de *Tamuz*, Moshê subiu ao Céu mais uma vez, permanecendo por quarenta dias, até 29 de *Av*, implorando perdão a *Hashem*.

Ele rezou: "Mestre do Universo, o Senhor mesmo levou-os ao pecado, pois os cumulaste de ouro e prata durante o Êxodo do Egito. Um leão só dá uma patada se uma bandeja com carne for colocada ao seu lado."

Moshê apresentou seus argumentos a favor do povo com tanta intensidade que sentiu seu corpo todo ferver. Ele estava realmente doente de preocupação pelo pecado do bezerro de ouro:

"Por que, *Hashem*, Tua ira deve arder contra o Teu povo que tiraste do Egito? Eles nunca tiveram a intenção de fazer do bezerro um ídolo; eles o fizeram com o intuito de criar um intermediário sobre o qual Tua presença pudesse pairar. Mesmo ao fazer o bezerro, eles não Te desprezaram; eles queriam me substituir. Mais ainda, leva em consideração o fato de eles terem vivido entre os egípcios, que eram idólatras."

Um pai decidiu que chegara a hora do filho começar a ganhar a vida. Alugou uma loja numa área nada respeitável e levou os produtos necessários para o transformar num vendedor de perfumes e cosméticos. Ao indagar um pouco mais tarde sobre o bem-estar do filho, foi informado que este se associara com as libertinas da vizinhança. A ira do pai não tinha limites. "Vou matá-lo por isso!" exclamou. Mas um amigo da família rogou: "Como ele poderia ter se portado de outra maneira? É jovem e inexperiente. De todas as profissões, você escolheu para ele a de vendedor de perfumes e colocou-o num ambiente corrupto!"

Similarmente, Moshê implorou a D'us: "Não fiques irado – Tu os tiraste do Egito, onde todos adoravam cordeiros. Estavam imitando os costumes do Egito! Estão acostumados aos ritos daquele país e ainda não se habituaram aos Teus caminhos! Espera um pouco, e eles com certeza farão atos que serão agradáveis a Ti!

"Se os destruíres, os egípcios acreditarão que seus astrólogos previram a verdade ao afirmar que *Benê Yisrael* pereceriam no deserto. Deixa Tua cólera se extinguir e revoga o decreto do Teu povo!"

Moshê estava pronto a dar a própria vida pelo povo, fazendo um trato com *Hashem*: "Se não perdoá-los, apague-me do Teu livro que escreveste."

Finalmente, Moshê fez uso da mais poderosa arma de defesa, o mérito dos patriarcas. Voltando-se em direção à Gruta de Machpelá, exclamou: "Ajudem-me nesta hora, quando seus filhos estão prestes a serem abatidos como cordeiros!" Os patriarcas levantaram-se e posicionaram-se diante dele. Dirigindo-se a *Hashem*, Moshê orou: "Lembra-te de Avraham, Yitschac e Yisrael, Teus servos para os quais jurastes em Teu Sagrado Nome: 'Eu multiplicarei sua semente como as estrelas do céu!' Lembra das doze tribos sagradas, Teus servos, e salva *Benê Yisrael* em seu mérito!"

Ao cabo de quarenta dias de incessante oração, *Hashem* finalmente concordou em perdoar o povo de Israel – não em seu próprio mérito, mas por conta dos seus antepassados. Disse D'us: "Levante-se e lidere o povo de *Yisrael* até a Terra Santa! Meu anjo, e não Minha presença, irá à frente de vocês. Em vez de castigá-los, agregarei uma pequena parte do castigo pelo pecado do bezerro de ouro a cada castigo que impuser aos judeus no futuro."

Moshê, então, retornou ao seu povo. Apesar de ter evocado a piedade Divina, salvando assim o povo da destruição, Moshê ainda não obteve perdão pelo pecado.

Depois do pecado do bezerro, Moshê remove sua tenda para fora do acampamento

Depois do pecado do bezerro, ao ouvir que a Presença Divina não permaneceria mais no meio do povo para guiá-los, Moshê raciocinou: "O discípulo deve seguir o exemplo de seu mestre. *Hashem* está aborrecido com *Benê Yisrael*, retirou-se do meio deles. Portanto, devo fazer o mesmo."

Ao deixar o acampamento, a Presença Divina o seguiu e pairou sobre a sua tenda. Todo aquele que solicitasse *Hashem* deveria ir até a tenda de Moshê. Sempre que Moshê saía da tenda, o povo se levantava em respeito a ele, exclamando: "Vejam este grande homem que tem a garantia de que, aonde quer que vá, a presença Divina o seguirá!"

Sempre que *Benê Yisrael* viam a nuvem da Presença Divina descendo sobre a tenda de Moshê, ajoelhavam-se perante ela. Depois que *Hashem* terminava de passar as instruções para Moshê, este voltava ao acampamento para transmiti-las aos anciãos.

Pela maneira deferente com a qual todo o povo se prostrava perante a Presença Divina, *Hashem* viu o quanto almejavam o retorno de Sua presença. Por isso, disse a Moshê: "Se tanto o mestre como o aluno demonstram sua cólera para com o povo de Israel, como eles sobreviverão? Volte ao acampamento!"

"Não voltarei", declarou Moshê.

“Se é assim, seu discípulo Yehoshua irá substituí-lo!” disse-lhe D'us.

“Sabes que a minha decepção com eles foi em Tua honra!” replicou Moshê.

Mesmo assim, voltou ao acampamento, porém tentou revogar o decreto Divino de que a *Shechiná* não mais guiaria *Benê Yisrael*. “Não aceito Tua decisão de que um anjo nos guiará”, disse a *Hashem*. “Se for assim, prefiro não sair mais daqui! Não prometeste guiar-nos pessoalmente, apesar de saber do futuro pecado do bezerro? Como então podes dizer agora que mandarás um mensageiro à nossa frente? Se nos tratas desta maneira, não mais seremos distintos das outras nações. Eles são guiados por um anjo da guarda; agora Tu pretendes que nós também sejamos guiados por um anjo? Como posso aceitar esta mudança?”

Hashem concordou com o pedido de Moshê, demonstrando que um *tsadic* possui a grandeza de anular um decreto Divino. *Hashem* adiou Seu decreto de mandar um anjo à frente de *Benê Yisrael* até a época do sucessor de Moshê, Yehoshua.

Moshê pede para entender os caminhos Divinos

Quando *Hashem* aceitou a oração de Moshê, este percebeu que aquele era um momento de benevolência Celestial. Por isso, aproveitou a oportunidade para apresentar um pedido adicional a *Hashem*:

“Por favor, mostra-me o plano segundo o qual Tu manipulas os acontecimentos do mundo. Mostra-me a futura recompensa que está reservada para os *tsadikim*!

“Saiba”, disse *Hashem*, “que nenhum olho humano, nem mesmo do maior profeta, pode contemplar a última recompensa do Mundo Vindouro. Eu, porém, lhe darei um vislumbre dos prazeres espirituais do *Gan Eden* (Paraíso). Enquanto Minha Glória passar, te cobrirei com Minha nuvem. Você verá uma fração da Minha Glória, porém não poderá vê-la inteiramente enquanto estiver vivo.”

Moshê teve uma visão dos tesouros reservados aos *tsadikim*. Eles passaram perante seus olhos. Finalmente, *Hashem* lhe mostrou um enorme tesouro.

“De quem é este?” perguntou Moshê.

“É o tesouro daqueles que não têm méritos mas lhes outorgo Minha graça, pois sou piedoso.”

O tesouro era imenso, pois a maioria das pessoas não merece a recompensa que *Hashem* lhes outorga.

Moshê aprende de Hashem as Treze Midot (Atributos) da Misericórdia

Moshê disse a *Hashem*: “Ensina-me a orar por *Benê Yisrael* depois que pecarem. Eles quase foram destruídos ao fazerem o bezerro de ouro. Quero saber qual a melhor forma de despertar Tua misericórdia no futuro.”

Hashem respondeu: “Ensinarei a ti Minhas *midot* de misericórdia. Ensina-as aos judeus e diz a eles: Quando invocarem Minhas Treze *Midot* de Misericórdia perdorei seus pecados e serei misericordioso com vocês.”

Eis aqui o que *Hashem* ensinou Moshê a orar:

“Hashem, Hashem Kel Rachum [ve]Chanun Êrech apáyim [ve]Rav chéssed [ve]Emet, Notser chéssed laalafim, Nossê avon [va]Fesha [ve]Chataá [ve]Nakê”

Estas palavras significam:

1. **Hashem** – Sou um D'us misericordioso com as pessoas antes que pecarem (mesmo sabendo que logo pecarão).
2. **Hashem** – Sou igualmente misericordioso com as pessoas depois de pecarem, se fizerem *teshuvá*.
3. **Kel** – Julgo cada pessoa autenticamente.
4. **Rachum** – Sou misericordioso com os pobres e oprimidos e os salvo de seus opressores.
5. **[ve]Chanun** – Sou generoso mesmo com aqueles que não o merecem.
6. **Êrech apáyim** – Demoro a castigar, mesmo a um malvado. Sou lento a castigá-lo pois lhe dou tempo para fazer *teshuvá*.
7. **[ve]Rav chéssed** – Minha qualidade de bondade (*chéssed*) é tão grande, que posso salvar uma pessoa do castigo mesmo que seus pecados sejam mais numerosos que seus méritos.
8. **[ve]Emet** – Pago a recompensa que prometi àqueles que merecem.
9. **Notser chéssed laalafim** – Se um judeu cumpre uma *mitsvá* recompenso seus filhos até duas mil gerações posteriores.
10. **Nossê avon** – Perdôo até a pessoa que pecou porque seu mau instinto a persuadiu a fazer o mal, se fizer *teshuvá*.
11. **[va]Fesha** – Perdôo até quem pecou com intenção de causar-me aborrecimento, se fizer *teshuvá*.
12. **[ve]Chataá** – E perdôo o pecado cometido intencionalmente.
13. **[ve]Nakê** – Se um pecador faz *teshuvá*, suspendo seu castigo e voltarei a ser bondoso com ele.

Além de ensinar a Moshê treze atributos de misericórdia, *Hashem* lhe ordenou que repetisse a *Benê Yisrael* a advertência de não forjar imagens. Não queria que voltassem a pecar como fizeram com o bezerro de ouro.

Hashem também ensinou a Moshê mais leis sobre as Festas (*Yom Tov*): *Pêssach*, *Shavuot* e *Sucot*. E introduziu *Rosh Hashaná* e *Yom Kipur*, momentos de julgamento e perdão. Advertiu Moshê: “*Benê Yisrael* guardarão somente as Festividades de *Hashem* e não estabelecerão suas próprias festas como fizeram ao pecar com o bezerro de ouro.”

Moshê permanece no Céu por quarenta dias para receber as Segundas Tábuas

Hashem ordenou a Moshê que esculpisse um segundo par de tábuas. “Já que você quebrou as primeiras tábuas, é seu dever esculpir as novas”, disse-lhe D'us.

Hashem lhe revelou uma jazida de safira na terra sob sua tenda. Moshê usou aquela safira para esculpir as novas tábuas. *Hashem* presenteou Moshê com o material restante. Moshê portanto ficou rico. Ele não coletou nenhum dos despojos do Egito na hora do Êxodo; em vez disso, procurava localizar o caixão de Yossef, preparando-o para a jornada no deserto. Por isso, agora foi recompensado por *Hashem* com riquezas. Moshê ficou muito rico. Mas não considerava as riquezas importantes. Sabia que o dinheiro acompanha a pessoa apenas enquanto vive (e às vezes, até o perde antes). Porém, há uma riqueza que permanece com a pessoa para sempre: seu conhecimento de *Torá*. Esta é a verdadeira riqueza que Moshê valorizava.

Hashem ordenou a Moshê que subisse ao Monte Sinai cedo pela manhã, sozinho, dizendo: “As primeiras tábuas foram dadas ostensivamente, em meio a uma demonstração pública. Por isso foram quebradas. Estas segundas devem ser dadas de forma discreta e sem alarde.”

Moshê subiu ao Monte Sinai no primeiro dia de *Elul* e permaneceu no campo Celestial por quarenta dias. Esta foi a sua terceira estadia no Céu (perfazendo um total de cento e vinte dias).

Durante estes quarenta dias no Céu, *Hashem* ditou para ele toda a *Torá* e lhe ensinou sua explicação oral. Em 10 de *Tishrei*, *Hashem* perdoou o povo de Israel pelo pecado do bezerro, dando a Moshê as segundas tábuas nas quais Ele escrevera tudo novamente. *Hashem* designou este dia como um dia de perdão para todas as futuras gerações: chamando-o de *Yom Kipur*.

O rosto de Moshê resplandece

Quando Moshê regressou do Sinai em *Yom Kipur* com as Segundas Tábuas, os judeus se afastaram dele, temerosos. Seu rosto brilhava com um resplendor tão forte como se desprendesse raios de sol. As pessoas não se atreviam a aproximar-se. “Talvez Moshê seja um anjo de *Hashem*”, exclamaram.

Seu receio era por causa do pecado do bezerro; antes do pecado, podiam visualizar o fogo de glória Divino no Sinai sem medo. Tendo pecado, porém, tremiam até diante dos raios que brilhavam na face de Moshê.

Moshê chamou os *zekenim*, os anciãos, e lhes disse: “*Hashem* os perdoou pelo pecado do bezerro de ouro e lhes deu novas tábuas. Os *zekenim* perguntaram a Moshê por que seu rosto brilhava, e descobriram que Moshê nada sabia sobre isso. Nem sequer percebera que lhe havia acontecido algo de especial. Quando o povo viu os *zekenim* falarem com Moshê, finalmente se atreveram a chegar perto.

Por que *Hashem* fez o rosto de Moshê resplandecer?

Hashem queria mostrar ao povo como Moshê era especial. Haviam pecado terrivelmente ao buscar um novo guia quando Moshê demorou a descer do Monte Sinai. O povo deveria ter permanecido fiel a Moshê, um homem tão nobre que os raios da *Shechiná* resplandeciam sobre seu rosto.

Moshê viu-se forçado a cobrir sua face fulgurante com um véu, somente descobrindo-a ao falar com *Hashem* ou ao ensinar as palavras de *Hashem* ao povo de Israel.

Quando *Benê Yisrael* dedicavam-se ao estudo de *Torá*, eram imbuídos de força para suportar a visão dos raios de glória. Esta é uma demonstração da grandeza à qual o estudo da *Torá* eleva um ser humano.